Dia 7 — O Beato Herman, Chamado José, da Ordem Premonstratense

O bem-aventurado Herman, apelidado José, tão conhecido por sua terna devoção à santíssima Virgem, foi de nação alemã, de família honrada, em um tempo bastante opulenta, mas reduzida depois a uma escassa mediania de fortuna. Nasceu em Colônia perto do fim do século duodécimo, e sua educação ressentiu-se do triste estado de sua casa, porque não foi a melhor; mas o menino Herman foi prevenido com grandes bênçãos do céu quase desde o berço.

Não se descobriram nele aqueles defeitos que são tão comuns na meninice. Era manso, aprazível, dócil, e todas as suas inclinações tão naturalmente propensas à piedade que parecia já haver nascido formado para a virtude.

Antecipou-se ao uso da razão a singular devoção que professou à santíssima Virgem. Ainda não tinha sete anos quando, fugindo dos divertimentos próprios daquela idade, retirava-se secretamente a uma igreja dedicada à Rainha do céu, e ali passava todo o tempo que os demais meninos empregavam em brincar. Prostrado aos pés de uma imagem da Mãe de Deus, umas vezes falava com a Mãe, outras com o Filho, com aquele candor e com aquela santa simplicidade que inspira o Senhor às almas inocentes.

Com esta devota simplicidade apresentava muitas vezes à Virgem e ao menino Jesus as flores e a fruta que lhe davam, instando-os com piedosa importunidade que admitissem aquela curta demonstração de carinho. Assim o Filho como a Mãe agradavam-se muito daquela inocente candidez; e se assegura que Deus o acreditou com diferentes milagres.

Foi um muito particular a ternura com que a santíssima Virgem correspondia aos amores do inocente menino Herman. Aparecia-lhe muitas vezes na igreja e, cumulando-o de doçuras celestiais, instruía-o por si mesma e até o socorria com algumas coisinhas de que havia mister, como o declarou o próprio Herman pouco tempo antes de morrer.

Ainda não havia completado os doze anos quando foi admitido no mosteiro de Steinfeldt, da ordem premonstratense; e, enquanto não tinha idade para tomar o santo hábito, enviaram-no à Frísia para que estudasse numa casa da ordem. Fez admiráveis progressos, assim nas ciências como na virtude, crescendo esta ao mesmo passo que os anos. Voltado a Steinfeldt, fizeram-no refeitoreiro. Mas, como este ofício lhe deixasse pouco lugar para atender a suas ordinárias devoções, estava desazonado com ele. Apareceu-lhe a santíssima Virgem e repreendeu-o dizendo-lhe: «Lembra-te,

filho, de que tua primeira obrigação é a obediência. Todas essas devoções voluntárias muitas vezes são frutos do amor-próprio. Nunca agradarás mais a meu Filho e a mim do que quando te deixares governar unicamente da santa obediência. Não é grande honra e grande dita tua servir a teus irmãos? A caridade encerra em si todas as demais virtudes.» Fez tanto fruto esta lição que dali em diante em nenhuma coisa achava gosto nosso Herman senão em obedecer; e, quando se atravessavam os favores do céu com as obrigações do ofício, deixava aqueles por estas.

Seria coisa longa apontar, quanto mais referir individualmente, as singulares dignações da santíssima Virgem para com este seu fidelíssimo servo. Aparições frequentes, conversações familiares, proteção muito especial, dons, privilégios, benefícios; enfim, todas aquelas graças com que esta benignísima Senhora honra algumas vezes as almas mais privilegiadas e favorecidas, todas eram muito ordinárias em Herman José. Um religioso premonstratense, confidente seu, que escreveu sua vida, assegura com ingenuidade que a ele mesmo se lhe fariam incríveis se não tivesse sido testemunha delas.

Na verdade, nenhum devoto desta Senhora parece que pôde amá-la com maior ternura nem venerá-la com maior zelo e mais profundo respeito. Só com ver uma imagem da Virgem ficava extático e arrebatado. Sempre que pronunciava seu dulcíssimo nome, prostrava-se em terra por respeito; e assegurou que sentia então doçuras espirituais muito superiores a tudo o que podem gostar os sentidos nem conceber a imaginação.

Por sua inocentíssima vida, por seu amor à Rainha dos anjos e por sua singular castidade, começaram os religiosos a dar-lhe o nome de José. Ele resistia a admiti-lo, dizendo que era profanar um nome tão santo aplicá-lo a quem não tinha nenhuma das virtudes do santo patriarca; mas, havendo-lhe aparecido a Virgem e dado a entender que aquele nome lhe convinha, reteve-o até a morte.

Fácil é de compreender de que meios se valia para merecer do céu tantas e tão singulares graças e favores, que contribuíram muito para sua santificação. Poder-se-ia assegurar que a humildade foi o caráter e o distintivo deste grande servo de Deus, segundo o baixo conceito que tinha de si mesmo. Sua vida foi um prodígio de penitência. Quase nunca comia mais que pão e água; suas vigílias eram contínuas; e, quando se via obrigado a tomar algum descanso, deitava-se sobre uns molhos de sarmentos, servindo-lhe uma pedra de cabeceira. Dizia que esta vida era tempo de mortificação e que estaria inconsolável se lhe passasse um só momento sem padecer algo. Chegou a ter algum escrúpulo de haver excedido a suas forças os piedosos rigores que arruinaram sua saúde.

Mas as penitências voluntárias não foram as que unicamente exercitaram sua paciência; para temperar a satisfação que lhe podiam causar os extraordinários favores que recebia do céu e também para purificar mais sua virtude, permitiu o Senhor que fosse inquietado e humilhado com prolixas e molestas tentações, afligindo-o ao mesmo tempo com diversas enfermidades corporais que o reduziram a um estado digno de compaixão e serviram não pouco para que se fizesse admirar sua perfeita resignação às disposições do céu e sua invicta tolerância.

Ordinariamente aumentavam-se suas penas interiores e suas dores nas vésperas das grandes festividades, dispondo-o Deus desta maneira para que recebesse as extraordinárias graças com

que costumava favorecer aquela inocente alma em semelhantes dias. Na vigília de Natal viu-se reduzido a tão lastimoso estado que se creu que havia chegado já sua última hora, quando de repente, à meia-noite, achou-se curado milagrosamente e pôde assistir a matinas e à missa.

Professava singular devoção a Santa Úrsula e a suas companheiras, em cuja honra compôs algumas devotas canções; e não parou até conseguir algumas relíquias suas para seu mosteiro. Mas na devoção ao santíssimo Sacramento excedia-se a si mesmo, explicando-se ordinariamente suas frequentes visitas, suas contínuas adorações e os devotos exercícios que fazia para venerá-lo em amorosos êxtases e desfalecimentos.

Desde que se viu elevado à dignidade do sacerdócio, unicamente o ocupava a majestade do divino sacrifício; o fogo que lançava seu semblante enquanto celebrava a missa fazia conhecer o ardor que abrasava interiormente seu coração. Só com vê-lo no altar avivava-se a fé dos circunstantes, sendo indício as lágrimas abundantes que derramavam seus olhos e as doçuras interiores que inundavam sua alma.

Por três dias inteiros viu-se-o arrebatado em êxtase. Compôs uma exposição sobre os Cantares, cujos sublimes pensamentos acreditam bem a divina luz que recebia do céu na íntima comunicação com o Senhor. Já havia muitos anos que este fiel servo de Deus, consumido de penas interiores e de dores corporais, estava tão débil que, ao parecer, vivia de milagre, quando quis enfim o Senhor recompensar seus trabalhos.

Perto do fim da quaresma desejaram muito ver o bem-aventurado Herman José as religiosas bernardas de um mosteiro não muito distante do de Steinfeldt; e, ainda que ao abade custava repugnância deixá-lo sair, não pôde negar-se às instâncias das monjas. Logo que chegou o santo ao convento, com o mesmo báculo que levava traçou o buraco para sua sepultura. Sabendo que lhe restavam poucos dias de vida, dobrou seu fervor e dedicou-se a consolar aquelas religiosas com o maior zelo e caridade. No terceiro dia de Páscoa, sentindo-se extraordinariamente debilitado, só pensou em dispor-se para a morte com ternos e contínuos colóquios com Deus e com a santíssima Virgem, estando quase sempre extático e arrebatado. Finalmente, na quinta-feira da semana de Páscoa do ano 1233, aquela inocente alma, cumulada de tantos favores do céu, dotada do dom de profecia e de milagres, foi receber do Pai das misericórdias e do Deus de todo consolo o prêmio devido a sua fidelidade e a sua inocência. Enterraram seu corpo naquele mesmo lugar que ele mesmo havia traçado; mas o abade e religiosos de Steinfeldt, não podendo sofrer verem-se privados daquele tesouro, alcançaram licença do arcebispo de Colônia para trasladá-lo a seu mosteiro, achando-se incorrupto e inteiro o santo corpo depois de sete semanas, quando se fez esta trasladação, a qual quis o Senhor acompanhar com grande número de milagres. Desde logo se pôs seu nome nos martirológios e calendários no dia 7 de abril, e pouco depois se começou a celebrar sua memória com festa e ofício eclesiástico na ordem premonstratense e em vários lugares do arcebispado de Colônia. No ano de 1628 começaram a formar-se novos processos para sua canonização, a instâncias do imperador Fernando II e a solicitação do arcebispo eleitor de Colônia, Fernando de Baviera. Algumas relíquias do beato Herman José, ricamente engastadas, veneram-se publicamente em Colônia, na abadia do Parque, perto de Lovaina, na de Tongerlo, na cartuxa de Colônia e na abadia de São Miguel de Antuérpia; mas a maior parte de seu corpo se conserva em Steinfeldt.

Martirológio Romano

Na África, a festa dos santos mártires Epifânio, bispo, Donato, Rufino e outros treze.

Em Sinope, na província do Ponto, duzentos bem-aventurados mártires.

Na Cilícia, São Caliopo, que, depois de sofrer vários tormentos no tempo do prefeito Máximo, foi crucificado de cabeça para baixo e honrado assim com um glorioso triunfo.

Em Nicomédia, São Ciríaco e outros dez mártires.

Em Alexandria, São Pelúsio, presbítero e mártir.

Em Roma, São Hegesipo, o qual, nos tempos imediatos aos Apóstolos, veio a Roma visitar o papa Aniceto e ali permaneceu até o pontificado de Eleutério. Neste intervalo compôs a *História Eclesiástica* desde a paixão de nosso Senhor até seu tempo, escrevendo-a simplesmente, para pintar até no estilo o caráter daqueles cuja vida imitava.

Em Verona, São Saturnino, bispo e confessor.

Na Síria, Santo Afraates, anacoreta, que no tempo do imperador Valente defendeu a fé católica contra os arianos com a eficácia de seus milagres.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração própria do santo, segundo se reza em Steinfeldt, é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui beatum Hermanum Joseph, confessorem tuum, adeo benedictionibus dulcedinis prævenisti, ut a pueritia crebérrimis gloriosæ virginis Mariæ visitationibus et alloquiis frui mereretur; præsta, ut innocentis et sanctæ vitæ ejus vestigiis insistentes, ad cœlestem patriam, in qua gloriosus exsultat, securi perveniamus. Per Dominum nostrum.*

Português: Ó Deus, que preveniste com tantas bênçãos de doçura vosso confessor, o bem-aventurado Herman José, que desde sua terna infância mereceu ser regalado com muito frequentes visitas e familiares conversações da virgem Maria, concedei-nos que, imitando a inocência e santidade de sua vida, cheguemos com segurança à pátria celestial, onde goza da eterna glória. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da carta do apóstolo São Paulo aos Gálatas.

Gálatas 5,22-26

> **Latim:** [22] Fructus autem Spiritus est caritas, gaudium, pax, patientia, benignitas, bonitas, longanimitas, [23] mansuetudo, fides, modestia, continentia, castitas. Adversus hujusmodi non est lex. [24] Qui autem sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis et concupiscentiis. [25] Si Spiritu vivimus, Spiritu et ambulemus. [26] Non efficiamur inanis gloriæ cupidi, invicem provocantes, invicem invidentes.

Português: [22] Mas o fruto do Espirito he: a caridade, o gozo, a paz, a paciencia, a benignidade, a bondade, a longanimidade, [23] a mansidão, a fidelidade, a modestia, a continencia, a castidade. Contra estas cousas não ha lei. [24] E os que são de Christo, crucificarão a sua propia carne com os seus vicios, e concupiscencias. [25] Se nós vivemos pelo Espirito, conduzamo-nos tambem pelo Espirito. [26] Não nos façamos cubicosos da vangloria, provocando-nos huns aos outros, tendo inveja huns dos outros.

Nota

«Desde a Licaônia passou São Paulo à Galácia no ano do Senhor de 51, e ali pregou a fé de Cristo com tanto fruto que, não obstante a natural rusticidade e grosseria daqueles povos, desde logo se mostraram os mais zelosos cristãos. Mas, tendo semeado entre eles má doutrina alguns pseudoapóstolos e falsos irmãos, escreveu-lhes o Apóstolo esta carta, na qual mostra um extraordinário zelo por causa da grandeza do mal. Escreveu-a no ano 55 ou 56 do nascimento de Cristo.»

Reflexões

Fructus autem Spiritus est charitas, gaudium, pax, patientia, etc. Os frutos do Espírito são a caridade, a alegria, a paciência, a mansidão, a bondade, a longanimidade, a fé, a modéstia, a continência, a castidade. Não se veem estes frutos no mundo, porque só se vive nele segundo a carne. A caridade é pouco conhecida; a alegria interior está desterrada; a paciência é forasteira, a mansidão é artificial; e as demais virtudes somente são conhecidas pelo nome. Estes preciosos dons são frutos de uma vida espiritual, isto é, de uma vida verdadeiramente cristã: somente os

gostam as almas puras, as pessoas solidamente devotas.

Quando terão por bem os mundanos convir nesta verdade e deixar à virtude aquele ar risonho e aprazível que lhe é tão natural? Quando deixarão de desacreditar, pela falsa ideia que formam de sua aspereza, aquela alegria pura e plena que é seu distintivo? Quando deixarão de desfigurá-la pelos impróprios traços e grosseiras cores com que a pintam, pelas negras sombras com que a apresentam? Não há coisa mais risonha que seu ar, nem coisa mais aprazível nem mais amável que seus modos.

Quando reina numa alma a virtude, reinam nela a alegria, a paz, a paciência, a mansidão, o agrado, a bondade e a caridade. Que coisa poderá turbar a serenidade de um espírito iluminado com a graça do Senhor, nem a calma de um coração que tem dominadas suas paixões? Daqui nasce aquela igualdade inalterável, aquela mansidão e bondade que o mundo não conhece.

Mas, por mais que se clame que não é tão áspero como se pinta o país da virtude, todavia se obstina o mundo em crer que nele nascem os espinhos debaixo dos pés e que o caminho que conduz a esta região é impraticável. Os que a conhecem bem asseguram que é terra de promissão, que produz abundantes e suavíssimos frutos; mas os que estão preocupados da apreensão contrária insistem em que o ar é contagioso e que é uma terra infestada de monstros e de feras. Com isto se espantam os sentidos, acobardam-se e retiram-se tantas pessoas.

Mas, meu Deus, ainda que custasse muito ser homem de bem, há outro partido que tomar para quem tem fé? E, se custa muito mais não o ser, que desculpa podemos alegar? Que loucura a do homem que de propósito não quer ser virtuoso!

Se os espinhos que se encontram no caminho da virtude não picam na realidade; se em qualquer outro caminho se encontram mais e são muito mais penetrantes; se as sarças que o atravessam deixam bastante espaço e muito acomodado; se os monstros que se temem são uns fantasmões que, em aproximando-se deles, se desvanecem: que dor, que desesperação será para aquelas almas tímidas e delicadas, que estimam, que amam a virtude, mas que não se atrevem a aproximar-se dela temendo mil trabalhos e dificuldades; ao mesmo tempo que se entregam às inquietações, às fadigas, aos pesares nos caminhos duros e difíceis do mundo, deslumbradas com a esperança de uma vida doce e tranquila, que somente pode achar-se no serviço de Deus! Com razão diz o Apóstolo que não há lei contra os que gostam os doces frutos do espírito. *Adversus hujusmodi non est lex;* isto é, que não necessitam de ameaças para cumprir as obrigações da Religião e de seu estado. Não há temor na caridade; antes bem, a caridade perfeita desterra todo temor [^1], porque o temor leva sua pena consigo.

Os que são de Cristo, continua o Apóstolo, têm crucificada a carne com todas as suas paixões e más inclinações. Pois que muito que reine neles a caridade, a alegria, a paz, a mansidão e a paciência? Se as paixões estão aprisionadas, se estão como encravadas numa cruz, não podem inquietar a alma, não podem turbar-lhe a paz e a alegria.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Lucas.

Lucas 13,24-25

> **Latim:** 24 Contendite intrare per angustam portam : quia multi, dico vobis, quærent intrare, et non poterunt. 25 Cum autem intraverit paterfamilias, et clauserit ostium, incipietis foris stare, et pulsare ostium, dicentes : Domine, aperi nobis : et respondens dicet vobis : Nescio vos unde sitis :

Português: 24 Porfiai a entrar pela porta estreita: porque vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão. 25 E quando o pai de familia tiver entrado, e fechado a porta, vós-outros estareis de fóra, e começareis a bater á porta, dizendo: Senhor, abre-nos: e elle vos responderá, dizendo: Não sei donde vós sois:

Meditação

Do caminho da salvação

Primeiro ponto

Considera que só do Salvador do mundo podemos aprender qual é o verdadeiro caminho da salvação. Qualquer outro mestre nos descaminhará. Não há outro caminho para o céu senão o que ele traçou e todos os santos seguiram. Qual é, pois, este caminho reto e seguro que leva à vida? Um caminho angosto e apertado para o amor-próprio e os sentidos, onde se afoga a vivacidade das paixões, onde nascem as cruzes naturalmente e se despoja o homem velho dos maus hábitos. É uma moral que nunca foi do gosto dos mundanos, porque condena suas diversões e suas máximas.

O caminho da salvação é caminho de penitência e de humilhação: nele se abate a alma até seu nada; perdem-se de vista aquelas alturas que estão cobertas de névoas ou de neves; caminha-se ao abrigo de uma aprazível sombra e não se acha outra comida senão o fruto da cruz, que dá uma saúde perfeita à alma.

É uma moral que reprime a orgulhosa liberdade do entendimento, pondo freio à licenciosa desordem do coração; que aperta extraordinariamente a concupiscência, reduz a muito estreitos limites o interesse e arranja os costumes segundo as puras máximas do Evangelho. Esta moral não pretende lisonjear a ninguém, nem muito menos sabe o que é acepção de pessoas; não confunde

os estados, as idades nem as condições; mas, guardando a devida proporção, tudo governa por um mesmo sistema. A modéstia no traje, a frugalidade na comida, a moderação nos projetos, a afabilidade e a igualdade no trato e no gênio são os princípios invariáveis desta moral. Em tudo leva a primazia a humildade cristã; em tudo reinam a caridade, a devoção e a paciência.

Ah, Senhor, e que diferentes são vossos caminhos do que nós seguimos! E que pouco se conformam nossos costumes com os princípios de vossa moral! Mas, se qualquer outro caminho leva à perdição; se não devemos seguir outra guia que a vós; se qualquer outro sistema de consciência é falso e enganoso; se qualquer outra máxima é erro; se qualquer outra senda nos descaminha: qual será o paradeiro de tantas almas como vão pelo caminho largo e têm por muito estreito o único que guia ao céu? Bom Deus! Qual será o paradeiro dos mundanos e de todos os que seguem as máximas do mundo?

Segundo ponto

Considera que não há mais que uma só religião verdadeira, uma só fé, um só Evangelho, uma só doutrina e, consequentemente, um só caminho para o céu. Esta é aquela porta estreita; este é aquele deserto por onde é preciso passar para entrar na terra de promissão. Se nele se encontram mares que atravessar, é necessário passá-los sem ser submergidos nas ondas; se se acham barrancos, é mister saltá-los; se saem ao encontro inimigos, é preciso combatê-los e vencê-los.

O caminho da salvação é estreito, mas não pode alargar-se: qualquer outro mais espaçoso, mais plano e mais trilhado desvia do termo. A moral de Jesus Cristo oprime o amor-próprio e descontenta os sentidos; mas qualquer outra mais acomodada engana e envenena. Por algo manda o Salvador a todos os cristãos que se façam violência se hão de entrar no reino dos céus, que se esforcem por entrar pela porta angosta: *Contendite intrare per angustam portam.*

Mas qual será o paradeiro daqueles mundanos que se estremecem só ao nome de mortificação e de violência; e o daquelas damas delicadas que ignoram o que é penitência e mortificação? Qual será o daquelas pessoas religiosas que, esquecidas já de seus primeiros fervores, vivem com tibieza e até com relaxação; e o daqueles ministros do Senhor que seguem tão pouco sua doutrina?

Ó meu Deus, quantos e quantas vão muito desviados do caminho da salvação! À vista disto, será maravilha que tantos se percam? Propõem-se-lhes os mais essenciais mandamentos da lei; mas quantos clamam imediatamente pela dispensa! Não parece senão que a doutrina de Jesus Cristo está já antiquada, que não se fez para os cristãos deste tempo; pouco falta para que se pense que a moral do Evangelho é contra toda razão. O pequeno número ainda se esforça por entrar pela porta angosta; mas oh, e que pequeno é este número! A multidão busca caminho mais espaçoso e mais plano: e não serei eu porventura dessa multidão? Não poucos são os que se afanam por descobrir algum caminho médio; mas este caminho os leva ao precipício.

E depois disto nos admiraremos de que seja tão pequeno o número dos escolhidos!

Temos porventura outra guia que o mesmo Jesus Cristo, nem podemos ter outro mestre? Pode-se apelar de suas sentenças, nem de suas decisões a outro tribunal? Espera-se acaso que algum dia se possam reformar seus oráculos? Um deles é que o caminho do céu é estreito; que não há outro caminho; que é mister esforçar-se por entrar por ele; que o reino dos céus se ganha a viva força. Homens do mundo, idólatras dos prazeres, gritai quanto quiserdes contra esta doutrina; apelai desta sentença: mas para onde?

Ó meu Deus, e quanto tempo há que estou andando, e talvez esteja andando fora do caminho da salvação! Por buscar o mais espaçoso, descaminhei-me. O dia vai caindo, e talvez esteja já muito perto do termo de minha jornada. Mas, pois já conheço meu descaminho por vossa misericórdia, fazei que me aparte dele e que entre no caminho real; isto é o que, ajudado de vossa divina graça, vou fazer desde este mesmo dia.

Jaculatórias

> *Erravi, sicut ovis quæ periit: quære servum tuum, quia mandata tua non sum oblitus.* Sl 118.

Errei, Senhor, e descaminhei-me como uma pobre ovelha desgarrada; mas vós, meu Deus, como bom pastor, buscai-me e reduzi-me ao aprisco, porque resolvido estou a não perder mais de vista vossa santa lei.

> *Viam iniquitatis amove a me: et de lege tua miserere mei.* Sl 118.

Afastai-me, Senhor, do caminho da iniquidade, e usai de misericórdia comigo, fazendo-me gostar vossa doutrina.

Propósitos

1. Hoje em dia gosta-se muito de teólogos condescendentes; buscam-se profetas que falem sempre a gosto de nosso paladar. Falar a muitas gentes como fala Jesus Cristo é rigidez, é uma moral que toca no rigorismo. As vozes de mortificação, abnegação e penitência já não se usam; no máximo se ouvem como uma linguagem de antanho, como uma algaravia que se fala só nos claustros. Contudo, esta é a linguagem ordinária de Jesus Cristo, que não é capaz de envelhecer nem de antiquar-se. E não serás tu um daqueles espíritos mundanos, desgostados com as máximas do Evangelho, que não só sentem falta dos grosseiros manjares do Egito, mas se alimentam deles até no próprio deserto? Dize-me: vais pelo caminho angosto? Não segues sendas

tortas quando buscas uma moral acomodada e laxa? Coteja o caminho que segues com o que seguiram os santos. Por que motivo escolheste esse confessor mais que outro? Não é acaso porque condescende contigo, com teu gênio, com tuas inclinações, com tuas paixões? É muito de teu gosto sua condescendência; mas será igualmente muito de teu proveito? Teus costumes, tuas diversões, tua mesa, teus móveis, teu comércio, tua conduta acreditam acaso que segues o caminho de Jesus Cristo, que vais pela vereda estreita? Examina-te acerca de um ponto tão importante; não dilates a emenda e suplica encarecidamente a teu confessor que nada te perdoe, que em nada te lisonjeie.

2. Muitos clamam contra a moral que eles chamam relaxada, e nem por isso têm vida menos licenciosa. Pregam a que chamam austera e praticam a relaxada; querem que outros sigam o caminho estreito, e eles vão pelo largo. Já condenou Cristo estes fariseus. Prega, repreende, corrige mais com teus exemplos que com tuas palavras. Sendo tão severo com os outros, não sejas tão indulgente contigo mesmo. Entra hoje dentro de ti mesmo e examina que prova tens dado de ir pelo caminho estreito. Não te dispensas em máxima alguma do Evangelho: nos jejuns, esmolas, sacrifícios, observância regular, delicadeza de consciência, modéstia? A prática das máximas do Evangelho mostra o caminho da salvação.

[^1]: 1 Jo 4.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:52 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:52 by Admin